

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP

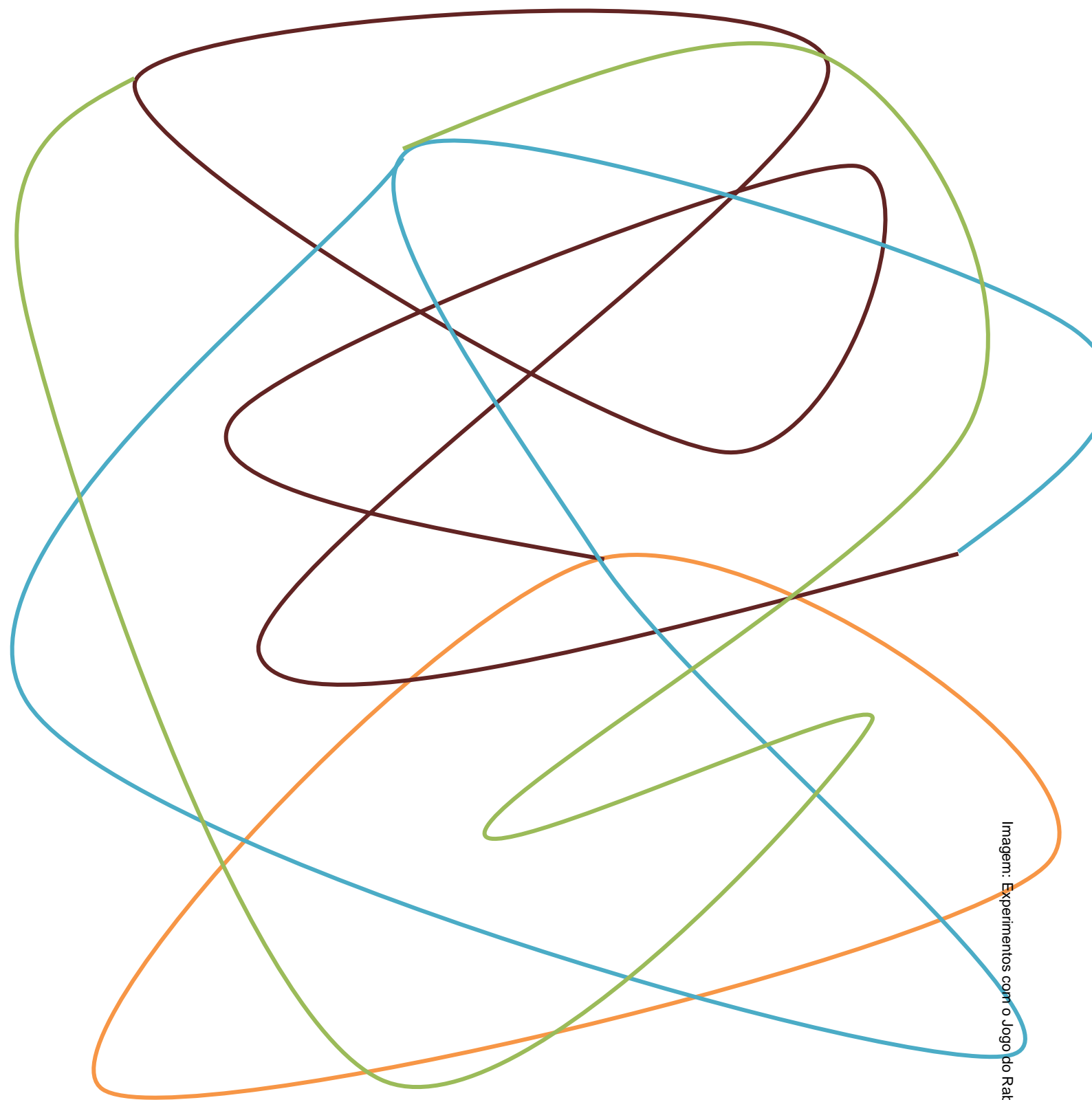


Imagem: Experimentos com o Jogo do Rabisco

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A Revista Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no formato CD-ROM e também passível de acesso por meio do site da AATESP – www.aatesp.com.br/artigos.htm. Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: textos.aatesp@gmail.com

Editora:

Dra. Máira Bonafé Sei – UEL/AATESP

Conselho Editorial:

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti – AATESP

Esp. Margaret Rose Bateman Pela – AATESP

Conselho Consultivo:

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA – FEN-UFG

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Dra. Barbara Elisabeth Neubarth – Secretária da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul/AATERGS

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Dias Allessandrini – Alquimy Art

Dra. Giuliana Gnatos Lima Bilbao - UNIP

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Ms. Lídia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Lucivone Carpintero – ASBART

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Oneide Regina Depret – UNIP

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Ms. Sandro Leite – FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – Arte sem Fronteiras/Faculdade Avantis

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – FMU

Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maíra Bonafé Sei

Margaret Rose Bateman Pela

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2011-2012

Diretora Gerente

Maria Angela Gaspari

Diretora 1ª. Secretária

Izilda Carvalho Carnasciali

Diretora 2ª. Secretária

Marise da Silva Acher

Diretora 1ª. Tesoureira

Sandra Maria Casellato Carnasciali

Diretora 2ª. Tesoureira

Ideli Domingues

1ª. Diretora Adjunta

Cristina Dias Allessandrini

2ª. Diretora Adjunta

Marceli Cristine do Amaral Santos

Conselho fiscal

Alda Luba

Cláudia Regina Teixeira Colagrande

Leila Nazareth

Ronald Sperling

SUMÁRIO

Editorial

DIVERSIDADE EM ARTETERAPIA Deolinda Maria da Costa Florim Fabiatti Maíra Bonafé Sei Margaret Rose Bateman Pela	01
---	----

Artigos Originais

ARTETERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO ENTRE SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS Silene de Souza Gianechini Maíra Bonafé Sei	03
O ELEMENTO “FOGO” NA ARTETERAPIA, EXPERIÊNCIA DE UMA SESSÃO EM OFICINA COM IDOSOS Adriana Mara Leopold	19

Resenha

THE ARTIST IN EACH OF US Sandro Leite	30
--	----

Resumo

PAISAGEM PSÍQUICA: UMA TÉCNICA EXPRESSIVA COM FUNDAMENTO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA: ESTUDO PILOTO Sandro Leite	34
A RELAÇÃO ENTRE A ARTETERAPIA E JACKSON POLLOCK: UMA VALORIZAÇÃO DO ACTION PAINTING COMO PROCESSO CRIATIVO Beatriz Mori Leite	37

Normas para Publicação	38
-------------------------------	-----------

Editorial

DIVERSIDADE EM ARTETERAPIA

Deolinda Maria da Costa Florim Fabiatti¹

Maíra Bonafé Sei²

Margaret Rose Bateman Pela³

Apresentamos aos interessados mais um número da Revista de Arteterapia da AATESP e com ele uma ilustração da diversidade nesta área do conhecimento. Ainda poucas são as contribuições recebidas por este periódico, fato que indica a importância de se estimular o olhar dos arteterapeutas para este tipo de veículo de comunicação, de trocas e construção de conhecimento pautado pelo rigor e cuidado com as ideias produzidas e divulgadas pelos profissionais e pesquisadores. Assim, longo é o nosso caminho no sentido de fortalecer não apenas a Revista de Arteterapia da AATESP enquanto periódico consultado e respeitado, como também a Arteterapia enquanto área do saber.

Tal como indicado, a diversidade é a marca dos textos publicados neste número. Tem-se desde discussões teóricas sobre interfaces entre Arteterapia e Terapia Ocupacional, fonte de longos diálogos entre docentes e estudantes ligados aos cursos de especialização em Arteterapia até apontamentos sobre a especificidade do uso do fogo no contexto arteterapêutico, com ilustrações clínicas a partir de vivências práticas. A resenha que integra este exemplar discorre sobre um livro de enorme importância para a

¹ Educadora, Arteterapeuta (AATESP 008/1203), Mestre em Gerontologia Social, PUCSP. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1118829470372302>. Email: deolinda.fabiatti@terra.com.br

² Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Professora Adjunta junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise – CCB - UEL. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: mairabonafe@hotmail.com

³ Graduada em Letras, Mackenzie, SP; Psicopedagogia, Sedes Sapientiae, SP; Arteterapia (AATESP 136/0310). Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9540829055121326>. Email: margaret@pela.com.br.

Arteterapia, já que está ligado à história deste campo, mas pouco acessível no Brasil – “The artist in each of us” de autoria de Florence Cane. Os leitores foram presenteados com os resumos que divulgam dois interessantes trabalhos científicos – uma dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, de autoria de Sandro Leite e uma monografia de Especialização em Arteterapia, escrita por Beatriz Mori Leite, que contribuem para o aprimoramento da Arteterapia.

Com isso, apresentamos a vocês estas tão ricas contribuições que estimulam nosso interesse por desenvolver cada vez mais a Arteterapia tanto em seu conhecimento teórico, quanto em relação às práticas empreendidas por seus profissionais. Uma ótima leitura!

Artigo Original

ARTETERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO SOBRE SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS⁴

ART THERAPY AND OCCUPATIONAL THERAPY

Silene de Souza Gianechini⁵

Maíra Bonafé Sei⁶

Resumo

Esse artigo objetiva discutir as semelhanças e diferenças entre a Terapia Ocupacional e da Arteterapia. A Terapia Ocupacional pode ser compreendida como um campo de conhecimento e intervenção que visa à autonomia dos indivíduos proporcionando maior participação na vida social. As atividades são utilizadas como elementos fundamentais na construção do processo terapêutico. Quanto à Arteterapia, esta se caracteriza como o uso da arte para fins terapêuticos, onde o fortalecimento do elo entre o arteterapeuta e o cliente facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças. Ambas as práticas empregam atividades em seus atendimentos, com a relação entre paciente/terapeuta/atividade ou produção/processo artístico-expressivo, representada sob a forma de um triângulo. Nota-se uma grande diferença quanto ao currículo para formação destes profissionais, com um foco maior nas disciplinas biológicas na Terapia Ocupacional e nas disciplinas do campo das Artes em Arteterapia. A partir da análise em questão, pensa-se que a formação em Arteterapia tem a função de

⁴ Artigo advindo da monografia intitulada “Terapia Ocupacional e Arteterapia: áreas complementares ou divergentes?” apresentada por Silene de Souza Gianechini, sob orientação da Profa. Dra. Maíra Bonafé Sei, junto ao Centro de Formação e Assistência à Saúde para obtenção do título de especialista em Arteterapia.

⁵ Terapeuta Ocupacional, especialista em Arteterapia pelo Centro de Formação e Assistência à Saúde. E-mail: silenesouza@hotmail.com

⁶ Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Professora Adjunta junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise – CCB - UEL. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: mairabonafe@hotmail.com

enriquecer o trabalho do terapeuta ocupacional, ampliando seu olhar e espectro de atividades empregadas em sua prática terapêutica.

Palavra chave: Arteterapia, Terapia Ocupacional, Interfaces

Abstract

This article discusses the similarities and differences between Occupational Therapy and Art Therapy. Occupational therapy can be understood as a field of knowledge and intervention which aims the autonomy of individuals for greater participation in social life. Activities are used as key elements in building the therapeutic process. As regards the Art Therapy, it is characterized as the use of art for therapeutic purposes, which the strengthening of the link between art therapist and the client facilitates the expansion of consciousness and self-knowledge, allowing changes. Both practices employ activities in their care, with the relationship between patient/therapist/activity or production/artistic-expressive process, represented under the form of a triangle. It is noticed a big difference in the curriculum for training these professionals, with a greater focus on biological disciplines in Occupational Therapy and disciplines in the field of Arts in Art Therapy. From this analysis, it is thought that the training in Art Therapy serves to enrich the work of occupational therapists, enhancing its look and range of activities used in their therapeutic practice.

Key words: Art Therapy, Occupational Therapy,

Introdução

O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional reconheceu, por meio da Resolução n. 350/2008, que dispõe sobre o uso da Arteterapia como recurso Terapêutico Ocupacional e dá outras providências, a Arteterapia como um dos campos de

atuação do terapeuta ocupacional. Tecem considerações acerca de a Arteterapia estar presente nos descritores da Biblioteca Virtual de saúde como um campo onde se emprega a arte como terapia adjuvante no tratamento de questões diversas. Descrevem instrumentos da Arteterapia empregados nas intervenções realizadas, entendendo-os como relacionados aos procedimentos clínicos da Terapia Ocupacional. Com isso, resolvem

Artigo 1º - Reconhecer a Arteterapia como recurso terapêutico próprio do Terapeuta Ocupacional, de caráter não privativo, utilizado nas intervenções terapêuticas ocupacionais.

Artigo 2º - No exercício de suas atividades profissionais, o Terapeuta Ocupacional poderá aplicar os métodos e técnicas arteterapêuticas, com base no diagnóstico terapêutico ocupacional e no plano terapêutico, visando à melhor adequação do desempenho ocupacional do indivíduo.

A partir deste panorama, almeja-se, por meio deste artigo, discutir as semelhanças e diferenças entre a Arteterapia e a Terapia Ocupacional, a partir do contexto brasileiro, de maneira a melhor compreender ambos os campos de conhecimento, ampliando a interlocução entre profissionais e reconhecendo as particularidades de cada formação e práticas empreendidas.

Terapia Ocupacional: histórico e caracterização

O campo da Terapia Ocupacional iniciou-se a partir de duas linhas de atuação. Neste sentido, teve-se o trabalho de ocupação de doentes mentais crônicos em hospitais asilares e, também, a busca da restauração da capacidade funcional dos incapacitados físicos devidos aos acidentes de trabalho que surgiram com a Revolução Industrial do século XIX.

Localiza-se, historicamente, a introdução da proposta de tratamento moral para a

recuperação dos doentes mentais nos hospitais franceses *Bicetrê* e *Salpêtrière*, por parte do médico Philippe Pinel. Esta prática deu-se após a Revolução Francesa, ocorrida no final do século XIX e início do século XX.

O tratamento moral teve seu surgimento atrelado a variadas correntes teóricas que se fundamentam na Filosofia da Libertação, tais como a corrente humanitária, na qual se inspirou Philippe Pinel. Partia do princípio da Liberdade, Racionalidade e Humanidade, tendo sido considerado, naquele momento, a mais importante atividade terapêutica dentro dos manicômios. De acordo com Pinel, um trabalho mecânico rigorosamente executado configurava-se como o mais poderoso instrumento de cura e de manutenção da saúde e da ordem. Percebe-se uma primeira tentativa de sistematizar a atividade e empregá-la como recurso terapêutico, prescrita a princípio pelo médico.

Ainda para Pinel, o tratamento no manicômio deveria buscar a reeducação do alienado, fato que demandava respeito às normas e desencorajamento das condutas inconvenientes. A função disciplinadora deveria ser exercida pelo manicômio e pelo médico, mirando um exato equilíbrio entre firmeza e gentileza. Quanto ao isolamento do alienado, este era visto como indispensável para o tratamento das enfermidades mentais.

Concomitantemente ao desenvolvimento desta filosofia, outras correntes se formavam, enfocando um tratamento avaliado como mais científico, podendo-se citar a quimioterapia e a cirurgia, fato que produziu uma nova visão da doença mental. Esta cientificidade gerou uma diminuição do tratamento moral que, no entanto, prosseguiu sendo difundido, conservando-se ainda como princípio da assistência psiquiátrica. Foram também desenvolvidas as terapias biológicas e farmacológicas neste período.

Para Furtado (1991), no princípio do século XX, “a psiquiatria começou a difundir a idéia de que os pacientes poderiam, mesmo sendo doentes mentais, levar uma vida mais

normal” (p. 35). Nasceu então, o paradigma da ocupação⁷ e nos anos 1920, a profissão de Terapeuta Ocupacional.

Slage desenvolveu, no ano de 1915, o primeiro curso para formação de Terapeutas Ocupacionais nos Estados Unidos. Por outro lado, no Brasil, diversos foram os caminhos percorridos por esses profissionais para a fundamentação da Terapia Ocupacional, que sofreu adaptações para se adequar aos moldes da realidade brasileira.

Considera-se como o ano de 1959 como marco do início desta profissão no contexto nacional, no Instituto de Reabilitação da Universidade de São Paulo, de acordo com um modelo médico de reabilitação funcional. A partir do ano de 1970, compreende-se a possibilidade de uma atuação mais autônoma do terapeuta ocupacional com as atividades deixando de ser prescritas pelo médico. Após este momento, a formação em Terapia Ocupacional foi implantada em outras universidades brasileiras.

De acordo com Cavalcanti (2007), fazendo referências a definição da profissão formulada pelo curso da USP, a Terapia Ocupacional:

“É um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e na esfera social, reunindo tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia das pessoas que, por razões ligadas a problemática específica, físicas, sensoriais, mentais, psicológicas e/ou sociais, apresentam, temporariamente ou definitivamente, dificuldades na inserção e participação na vida social. As intervenções em Terapia Ocupacional dimensionam-se pelo uso da atividade, elemento centralizador e orientador, na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico” (p. 03).

A atuação deste profissional pode ser ampla e abranger variados campos das ciências de saúde e sociais. Inicialmente propõe-se a avaliação do cliente com o objetivo de elaborar um projeto terapêutico, seguida da elaboração de um plano de tratamento que faz uso das atividades para promover o desenvolvimento e aprimoramento das capacidades psico-ocupacionais. Busca-se também facilitar a melhora do estado psicológico, social, laborativo e qualidade de vida como um todo da pessoa ou grupo em

⁷ O paradigma da ocupação era a prescrição de uma ocupação para “cientificar” a ação do indivíduo.

questão.

Assim, o terapeuta ocupacional baseia seu trabalho no emprego das atividades humanas, sejam elas as artes, o trabalho, o lazer, a cultura, o autocuidado e a participação na vida social. Incluem-se ações de prevenção e tratamento, com o objetivo de contribuir para o estado de saúde do cliente, habilitando-o a alcançar maior grau de independência funcional. Entende-se que uma maior autonomia do indivíduo colabora para a redução ou eliminação dos processos de exclusão social. São exemplos de recursos empregados pelos terapeutas ocupacionais a utilização de atividades propositivas, a adaptação de utensílios e de mobiliário, as mudanças nas demandas ambientais, as prescrições e o treinamento para o uso de órteses, na ótica do Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 3ª Região (Crefito 3).

Pode-se avaliar, prevenir, tratar e reabilitar os fatores físicos psicossociais e ambientais por meio da participação dos indivíduos nas atividades e ocupações do cotidiano, buscando a promoção da saúde. De acordo com Rahn (1990), “a promoção da saúde tem a ver com o dia-a-dia saudável, de tal modo que o indivíduo possa usufruir o melhor que a vida tem a oferecer, seja da forma como ele se alimenta ou como ele lida com o stress” (p. 12).

A atuação do terapeuta ocupacional pode ocorrer por meio de atendimentos individuais ou grupais, sendo que quanto aos atendimentos terapêuticos grupais, estes podem se diferenciar a partir do princípio posto para a utilização da atividade. Benetton (1991) distingue o ‘grupo de atividade’ e as ‘atividades grupais’, sendo que no primeiro caso, cada paciente realiza seu próprio trabalho com foco na relação individual entre terapeuta-paciente. Na segunda situação, enfatiza-se a socialização, por meio da relação grupal, participação e cooperação, com os participantes realizando uma única atividade em conjunto.

Dentro da abordagem psicodinâmica, Ballarin (2005) define um grupo de atividades

como:

Aquele que os participantes se reúnem na presença do terapeuta ocupacional, para vivenciar experiências relacionadas ao fazer, como, por exemplo: passear, pintar, desenhar, modelar, dançar, fazer compras, relaxar, jogar, costurar etc. Também podemos considerar que o objetivo de um grupo de atividades em terapia ocupacional é o tratamento e tudo o que ele implica (p. 68).

Quanto à atividade, entende-se esta como instrumento terapêutico, utilizada dentro do contexto que se enquadra o paciente, considerando-se todo o processo e relações que proporciona. Assim, “a atividade em si não cura, nem adoece, mas sim as condições nas quais ela é realizada, o tipo de vínculo ou relação interpessoal que se estabelece durante a execução” (MAXIMINO, 1991, p. 106).

A Terapia Ocupacional apresenta-se como uma prática social que desempenha sua atuação na observação e intervenção na qualidade de vida do sujeito cujo olhar “se volta sobre seu cotidiano, suas possibilidades de encontro consigo mesmo e com o outro, e com as atividades que realiza ou que pode criar” (LIBERMAN, 1998, p. 13). Estão envolvidos tanto o processo do fazer e quanto a construção da história pelo próprio sujeito, com reflexões sobre como esse fazer pode mediar as transformações na vida cotidiana (CASTRO, 2001).

A Arteterapia: surgimento e conceituação

O surgimento da Arteterapia é apontado por alguns autores como remontando à Antiguidade, visto que os gregos empregavam, no século V a.C., a arte como recurso terapêutico para a promoção, manutenção e recuperação da saúde. É possível localizar relatos de experiências realizadas em centros de curas da Grécia antiga, onde os enfermos assistiam a representações teatrais e musicais e em seguida eram recolhidos para a prática da incubação (PHILIPPINI, 2004). Esperava-se que, ao longo deste período de incubação, estes doentes recebessem mensagens divinas que facilitassem a melhora

dos quadros patológicos.

Localiza-se, no início do século XX, o surgimento da Arteterapia como uma área específica de trabalho nos Estados Unidos. A responsável por este desenvolvimento foi Margareth Naumburg, formada em Psicologia e com prática fundamentada na Psicanálise, fundadora da *Walden School*. Sua irmã, Florance Cane, com formação em Artes Plásticas é também uma figura importante na Arteterapia. Segundo Ciornai (2004), Margareth Naumburg pode ser apontada como “a ‘mãe’ da Arteterapia por ter sido a primeira a claramente diferenciá-la como um campo específico, estabelecendo os fundamentos teóricos sólidos para seu desenvolvimento” (p. 25).

Na Inglaterra, a expansão da Arteterapia ocorre por meio do tratamento e reabilitação das vítimas da Segunda Guerra Mundial (SOUZA, 2005). Entende-se que um profissional importante para o desenvolvimento da Arteterapia foi o artista plástico Adrian Hill, que após experimentar os benefícios da Arte ao se recuperar de um quadro de tuberculose, passa a utilizá-la junto a soldados advindos do contexto da Guerra (SEI, 2011). A partir de sua prática publicou o livro “*Art versus illness*”, nomeado erroneamente por Winnicott (1949) como um trabalho de Terapia Ocupacional. Data-se de 1964 a fundação da Associação Britânica de Arteterapeutas (BAAT), cujo intuito era definir a conceituação da Arteterapia e organizar a atuação deste profissional.

Quanto à realidade brasileira, Osório César apresentou-se como o pioneiro na articulação entre Arte e Psiquiatria, com publicações na área – A expressão artística dos alienados de 1929 – e criação da escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri, em Franco da Rocha. Pode-se citar também o trabalho desenvolvido por Nise da Silveira que fundou, em 1946, o Setor de Terapêutica Ocupacional junto ao Centro Psiquiátrico Pedro II e, em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente.

Observa-se que neste princípio as práticas terapêuticas que ofertavam recursos artístico-expressivos estavam atreladas ao trabalho de Terapia Ocupacional, com o

histórico da Arteterapia e Terapia Ocupacional no Brasil mostrarem-se ligados. Contudo, com o passar do tempo, Nise da Silveira percebeu que a atividade expressiva mostrava-se também como um meio para o conhecimento inconsciente, a partir de um viés junguiano. Para Urrutigaray (2005), a despeito de Nise não apreciar a utilização do termo Arteterapia, “seu trabalho a partir da experimentação, introdução e improvisação com instrumentos plásticos, nos desenhos, a princípio de modo intuitivo, os fundamentos primordiais à prática de Arteterapia exercida na atualidade” (p. 27). Quanto à Arteterapia tal qual conhecemos atualmente, pode-se mencionar as profissionais Maria Margarida Carvalho e Selma Ciornai no Estado de São Paulo e Ângela Philippini no Estado do Rio de Janeiro como precursoras das práticas atualmente desenvolvidas (SEI, 2011).

Pode-se considerar a Arteterapia como uma

estratégia de intervenção terapêutica que visa promover qualidade de vida ao ser humano por meio da utilização dos recursos artísticos advindos principalmente das Artes Visuais, mas com abertura para um diálogo com outras linguagens artísticas. Foca-se o indivíduo em sua necessidade expressiva e busca-se ofertar um ambiente propício ao surgimento de uma expressividade espontânea e portadora de sentido para a vida (SEI, 2009, p. 6).

Percebe-se, então, a questão da inserção dos recursos artístico-expressivos em um contexto terapêutico, que implica em uma relação humana na qual será ofertado um ambiente suficientemente bom e propício ao desenvolvimento emocional. Oferta-se uma linguagem a mais no *setting* que colabora para a comunicação dos participantes do processo terapêutico, que pode ser empreendido individualmente ou em grupo.

Quanto aos objetivos da Arteterapia, entende-se que estes variam conforme o público trabalho – crianças, adolescentes, adultos, idosos, famílias; o espaço onde a intervenção acontece – unidades básicas de saúde, centros comunitários, hospitais, escolas, empresas, clínicas privadas, dentre outros; o tempo disponível para a intervenção – grupo de encontro único, terapia com tempo determinado para finalizar ou

sem tempo para acabar; dentre outras variáveis. A formação inicial do arteterapeuta também pode contribuir para o foco dado por este para sua intervenção, que pode primar por um maior aprofundamento em conteúdos internos, caracterizando-se como uma psicoterapia que se efetua por meio dos recursos artístico-expressivos ou com o intuito de maior desenvolvimento da criatividade, da expressividade da pessoa (SEI, 2010).

No contexto brasileiro, a Arteterapia se apresenta como um campo de conhecimento cuja formação ocorre por meio de Cursos de Especialização (SEI, 2010). Uma ampliação do número de Cursos de Especialização em Arteterapia pôde ser percebida ao longo dos anos, especialmente a partir dos anos 2000. Como forma de cuidar da qualidade da formação deste profissional, foram criadas associações de Arteterapia e uma associação que congrega estas demais associações, denominada União Brasileira das Associações de Arteterapia – UBAAT, fundada em 2006.

A partir do surgimento da UBAAT foram estabelecidos critérios mínimos para os Cursos de Especialização em Arteterapia, por meio da Carta de Canela, que apontam conteúdos que devem ser abordados, quantidade mínima de horas de prática supervisionada, qualificação dos docentes ligados a estes cursos, dentre outros (SEI, 2010). Neste sentido, Ciornai (2004) sinaliza que além dos requisitos no campo da Psicologia e da Arte, a formação do arteterapeuta demanda:

(...) conhecimentos de história da arteterapia, dos processos psicológicos gerados tanto no decorrer da atividade artística como na observação de trabalhos de arte, conhecimento das relações entre processos criativos, terapêuticos e de cura, conhecimento das propriedades terapêuticas dos diferentes materiais e técnicas, conhecimento dos fundamentos teóricos e metodológicos da abordagem etc. (p. 8).

Diálogos entre a Terapia Ocupacional e a Arteterapia

Pode-se observar que o surgimento da Terapia Ocupacional e da Arteterapia em território nacional estão entrelaçados por meio do trabalho pioneiro de Nise da Silveira.

Entretanto, ao longo do tempo, essas especialidades terapêuticas trilharam seus próprios caminhos. A Terapia Ocupacional constituiu-se como uma área de graduação, enquanto que a Arteterapia ainda se apresenta como uma formação realizada de pós-graduação. No ano de 2003 foi iniciada uma graduação em Arteterapia, junto à Universidade FEEVALE, contudo este curso não é mais ofertado por esta Instituição de Ensino Superior. Apesar disto, pode-se acessar a grade curricular deste curso de graduação⁸ e compará-la com a grade estipulada para a graduação em Terapia Ocupacional⁹, visualizando similaridades e diferenças entre ambas.

De forma geral, ao se analisar ambos os currículos, pode-se perceber que a graduação em Arteterapia abrange disciplinas diversas, como Antropologia da Arte, Escultura, Expressão Dramática, Expressão e Sensibilização Corporal, Expressão e Sensibilização Sonora, Expressão Gráfica, Fundamentos da Cor, Fundamentos da Linguagem Simbólica, Gravura, História da Arte Brasileira, Modelagem, Teorias da Arte Moderna e Contemporânea além das disciplinas relacionadas à Psicologia, entre elas, Arte e Saúde Mental, Processos Neurológicos, Psicologia do Desenvolvimento Infantil, na Adolescência e na Vida Adulta, Psicologia Geral, Psicopatologia, Técnicas e Processos de Grupo, Teorias e Sistemas Psicológicos, Teorias Terapêuticas e Intervenção.

Quanto ao currículo de Terapia Ocupacional, este enfoca as ações coletivas de saúde, a qualificação dos recursos ocupacionais para a criação de projetos terapêuticos, a habilitação múltipla, tanto para a formulação de políticas de assistência e promoção social quanto para a condução de processos terapêuticos. Tem-se uma presença maior de disciplinas da área de biológicas, tais como estão: Anatomia, Cinesiologia, Fisiologia, Neuroanatomia, Patologia, Citologia/Histologia, Bioquímica, Indicação e Confecção de

⁸ Universidade FEEVALE. Curso de Arteterapia – Bacharelado. Disponível em <http://www.feevale.br/files/documentos/pdf/40642.pdf>. Data de acesso: 01 de Junho de 2012.

⁹ Universidade Paulista. Curso de Terapia Ocupacional – Matriz Curricular. Disponível em http://www3.unip.br/ensino/graduacao/tradicionais/bio_ter_occupacional_grade.aspx. Data de acesso: 01 de Junho de 2012.

Órtese e Prótese, entre outras. Há disciplinas relacionadas ao campo da Psicologia como: Introdução as Abordagens Psicoterapêuticas, Abordagem Psicológica da Pessoa com Deficiência, Psicologia do Desenvolvimento Infantil, Desenvolvimento Humano na Adolescência, Psiquiatria, Dinâmica e Atividade Grupal. Por fim, há disciplinas específicas de Terapia Ocupacional como: Terapia Ocupacional Aplicada à Deficiência Mental, Deficiência Sensorial, Geriatria e Gerontologia, Habilitação e Reabilitação Profissional, Neurologia em Adulto, Neuropediatria, Ortopedia, Traumatologia, Reumatologia, Prevenção e Comunidade, Saúde Mental e Psiquiatria.

Pode-se perceber que estes campos começam a se diferenciar já nos currículos de cada curso. No campo da Arteterapia tem-se um leque maior de disciplinas artísticas, que buscam um desenvolvimento teórico, técnico e pessoal em Arte. Por outro lado, a Terapia Ocupacional apresenta uma sólida formação quanto às disciplinas biológicas. No que concerne às disciplinas focadas no estudo da área da Psicologia, nota-se uma semelhança com estudo do Desenvolvimento Humano, Teorias Psicológicas, Processos Grupais e Psicopatologia.

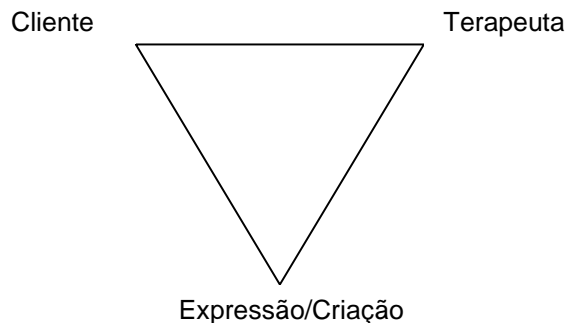
Quanto à clientela atendida pelas duas áreas estudadas, Terapia Ocupacional e Arteterapia se assemelham, com as atividades podendo ser desenvolvidas em vários contextos desde sociais, educacionais até aqueles especificamente terapêuticos. Contudo, a Terapia Ocupacional pode se voltar para o campo da reabilitação física, como acidentados que tiveram comprometimento motor significativo ou perderam sua capacidade de realizar atividades de vida diária. Nestas situações, o trabalho se direciona para o resgate da autonomia e independência. Em Arteterapia foca-se mais o processo de autoconhecimento do que a reabilitação física, a despeito de haver trabalhos que apontam para uma Arte-Reabilitação (FRANCISQUETTI, 2005).

De qualquer forma, o fato de ambas as áreas utilizarem atividades para intermediar o contato estabelece um ponto de intersecção entre Terapia Ocupacional e Arteterapia.

Quanto à primeira, Fernandes (1998) sinaliza que:

A utilização de atividades em um processo terapêutico implica uma dinâmica particular entre três elementos básicos: terapeuta-atividade-paciente. Em alguns momentos a atividade funciona como objeto intermediário entre o terapeuta e o paciente. Noutros, o terapeuta é que serve de elo entre o indivíduo e a atividade (p. 31).

Já na Arteterapia Carvalho (2006) defende que a relação entre cliente, produção/processo artístico-expressivo e terapeuta pode ser representada sob a forma de um triângulo.



A relação entre os três elementos do triângulo se altera conforme a linha teórica do profissional. Na Arteterapia vivencial, a partir dos estudos de Schaverian, a relação entre o terapeuta e o cliente é secundária, havendo uma valorização da comunicação não-verbal do cliente com a pintura. Esse processo “imprimirá mudanças no modo como o paciente se vê e relaciona consigo próprio (com o seu *self*), ou seja, possibilita alterar o sentido de si através do processo criativo e da observação da imagem” (CARVALHO, 2006, p. 9). Quanto à Arte-Psicoterapia a transferência entre terapeuta e cliente são fundamentais para se estruturar o *setting* terapêutico e a obra produzida fica em segundo plano. “O processo de criação artística tem um lugar secundário. Os fenômenos transferenciais para com o terapeuta tornam-se dominantes, enquanto as criações têm um valor ilustrativo” (CARVALHO, 2006, p. 9). Cabe apontar que esta relação triangular insere-se em uma moldura como se ela fosse um espaço, protegendo os elementos.

Contudo, apesar desta representação triangular fazer-se presente na Terapia

Ocupacional e na Arteterapia, é importante pontuar que o conceito de produção/processo artístico-expressivo empregado na Arteterapia pode se aproximar, mas não se equiparar ao de atividade utilizado na Terapia Ocupacional. Por um lado tem-se a atividade enquanto vértice do triângulo no campo da Terapia Ocupacional e, por outro, se tem a expressão/criação da pessoa que participa da intervenção. Esta será contemplada por meio de um olhar construído a partir do diálogo com a Arte, seus percursos, histórico, processos, fato que marca uma diferença entre os campos de atuação.

Com isso, um ponto a mais de distinção incide sobre os recursos artístico-expressivos da Arteterapia e a linguagem utilizada nesta área, com olhar para as características das linhas, do espaço, da pressão do lápis sobre o papel, da comunicação através das cores, do movimento, entre outros. Neste sentido, Ciornai (2004) ressalta a importância das percepções sensoriais do arteterapeuta: “o terapeuta que utiliza recursos artísticos no trabalho terapêutico precisa ter familiaridade e intensa vivência pessoal com a linguagem plástica para desenvolver um olhar mais apurado para a linguagem da arte” (p. 43).

A contemplação da imagem a partir deste olhar não é priorizada na formação acadêmica dos terapeutas ocupacionais, todavia é de fundamental importância ao se adentrar no universo da expressividade artística. Compreende-se, então, que a complementaridade entre as duas áreas e suas interseções contribui para a obtenção de uma visão mais ampla tanto para as atividades como para o cliente, promovendo melhores resultados no processo terapêutico.

Há intersecções entre Arteterapia e Terapia Ocupacional, com características que ligam ambas as áreas. No que concerne o desenvolvimento destes campos, entende-se que a Arteterapia ainda deve se estabelecer tanto buscando um lugar dentro do campo da Saúde, tal qual a Terapia Ocupacional já o faz, como no estabelecimento enquanto ocupação/profissão no Brasil, caminho já percorrido pela Terapia Ocupacional. Entretanto,

considera-se, a partir da análise empreendida ao longo do artigo, que a formação destes profissionais possui uma diferença interessante. A entrada da Arte enquanto corpo de conhecimentos e atuação implica em práticas e olhares outros do profissional em relação às intervenções empreendidas. Considera-se, então, que a Arteterapia pode ter a função de enriquecer o trabalho do terapeuta ocupacional, ampliando seu olhar e espectro de atividades empregadas em sua prática terapêutica. Mais que uma escolha entre uma ou outra, entende-se que o maior valor reside na possibilidade de estabelecimento de um diálogo e complementaridade entre estas práticas.

Data de recebimento: 18 de Junho de 2012

Data de aceite: 23 de Agosto de 2012

Referências

BALLARIN, M. L. G. Algumas Reflexões sobre Grupos de atividades em Terapia Ocupacional. Em: PÁDUA, E. M. M. e MAGALHÃES, L. V. (orgs.). **Terapia Ocupacional: Teoria e prática**. Campinas: Papyrus, 2003.

BENETTON, M. J. **Trilhas Associativas, ampliando recursos na clínica da psicose**. São Paulo: Lemos-Editorial, 1991.

CARVALHO, R. L. G. O polimorfismo da arte de sonhar ser. **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida**, v. 3, n. 3, p. 05-17, 2006.

CASTRO, E. D. Atividades humanas e Terapia Ocupacional. Em: CARLO, M. M. R. e BARTALOTTI, C. C. **Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e Perspectivas**. São Paulo: Plexus, 2001.

CIORNAI, S. Arteterapia Gestáltica. Em: CIORNAI, S. (org.). **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em terapia**. São Paulo: Summus, 2004. p. 21-169.

Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - COFFITO. **Resolução n. 350/2008 - Dispõe sobre o uso da Arteterapia como recurso Terapêutico Ocupacional e dá outras providências**. Disponível em: http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub_view.asp?cod=1609&psecao=9. Data de acesso em: 27 de Maio de 2012.

FERNANDES, S. R. Reflexões sobre a terapia ocupacional, o uso de atividades e a psicose. **Boletim de Psiquiatria**, v. 21, n. ½, p. 31-32, 1998.

FRANCISQUETTI, A. A. Arte-reabilitação com portadores de paralisia cerebral (PC). Em:

CIORNAI, S. **Percursos em Arteterapia**: Arteterapia e Educação, Arteterapia e Saúde. São Paulo: Summus, 2005. p. 239-259.

FURTADO, E. A. Percepção acerca da Terapia Ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v. 2, n. 1, p. 03-11, 1991.

GIANECHINI, S. S. **Terapia Ocupacional e Arteterapia: áreas complementares ou divergentes?** Monografia (Especialização em Arteterapia). Campinas: Centro de Formação e Assistência à Saúde, 2007.

LIBERMAN, F. **Danças em Terapia Ocupacional**. São Paulo: Summus, 1998.

MAXIMINO, V. O atendimento em grupos de Terapia Ocupacional. **Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 1, n. 2, p. 105-119, 1991.

PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia**: cartografias da coragem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2004.

RAHN, M. S. Promoção da Saúde e Terapia Ocupacional. **Revista CETO**, v. 1, n. 1, p. 10-13, 1990.

SEI, M. B. A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização. Em: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. **A formação em Arteterapia no Brasil**: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. p. 7-29.

SEI, M. B. **Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana**: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009.

SEI, M. B. **Arteterapia e Psicanálise**. São Paulo: Editora Zagodoni, 2011.

SOARES, L. B. T. História da Terapia Ocupacional. CAVALCANTI, A. e GALVÃO, C. (orgs). **Terapia Ocupacional**: Fundamentação & Prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

SOUZA, P. R. **Arteterapia aplicada à Educação: A construção de um caminho**. Monografia (Especialização em Arteterapia) – Alquimiy Art./Universidade Potiguar-RN. São Paulo, 2005.

URRUTIGARAY, M. C. Os problemas encontrados para a utilização da Arteterapia. **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida**, v. 1, n. 1, p. 25-29, 2005.

WINNICOTT, D. W. (1949) Terapia Ocupacional. I. Resenha do livro de Adrian Hill, *Art Versus Illness*. Em: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R. e DAVIS, M. (orgs.) **Explorações psicanalíticas**: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 422-423.

Artigo Original

O ELEMENTO “FOGO” NA ARTETERAPIA, EXPERIÊNCIA DE UMA SESSÃO EM OFICINA COM IDOSOS

“FIRE” ELEMENT IN ART THERAPY: A WORKSHOP EXPERIENCE WITH ELDERLY PEOPLE

Adriana Mara Leopold¹⁰

Resumo

O fogo é um dos quatro elementos que, assim como a água, a terra e o ar, está associado a inúmeros significados, seu simbolismo pode atuar na psique humana servindo de catalisador para as mais diversas atividades expressivas. Sendo assim, o intuito deste artigo é apresentar características acerca dos significados deste elemento, e como pode ser trabalhado arteterapeuticamente. Para tal, será focada uma das oficinas com duas idosas asiladas, onde foi utilizado o fogo para promover a atividade, avaliando seus efeitos e resultados. O que se observa é que o “fogo” acelera processos e provoca reações diversas que correspondem a todo o simbolismo nele contido.

Palavras-chave: arteterapia, fogo, idosos, psique

Abstract

Fire is one of the four elements which, just like water, earth and air, is associated with uncountable meanings. Its symbolism can act on the human psyche as a catalyst for several expressive activities. Therefore, the aim of this article is to present characteristics regarding this element's imagery and how it can be art therapeutically employed. It will

¹⁰ Psicóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, pós-graduada em Arteterapia pela UNIP. Atua na área clínica com pessoas de todas as faixas etárias, também como supervisora de casos clínicos e coordenadora de grupo de estudos. Tem ministrado oficinas de Arteterapia em instituições voltadas à Terceira Idade, pacientes psiquiátricos e população em situação de rua. CRP 06/96436. AATESP 203/0611. Endereço: Rua Itapeva, 378 conjunto 52 – Bela Vista – São Paulo/SP – CEP 01332-901 – Telefones: (11) 2385-0824; (11) 96950-5258 – E-mail: adriana.leopold@yahoo.com.br. Link para Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4246387D1>.

focus on a workshop with two institutionalized elders, in which fire was used, assessing the effects and results of such activities. The notion that fire speeds up processes and triggers various reactions will be put forth, in accordance with the symbolism it contains.

Keywords: art-therapy, fire, elderly, psyche

Introdução

A Arteterapia é a terapia através de recursos artísticos, tendo como premissa a possibilidade de acessar conteúdos inconscientes por meio da produção de imagens, sons e movimentos (COUTINHO, 2008). É através de tais recursos que Philippini (1995) afirma ocorrer a materialização de símbolos, ou seja, durante o processo criativo na Arteterapia, o indivíduo entra em contato com seu inconsciente e o materializa no produto resultante desse processo artístico. Suas intenções e preocupações não são de ordem técnica e estética, mas sim relativas ao puro ato de criar, o que na visão de Souza (2005) constitui uma expressão da vida que se faz ouvindo a voz interior, momento em que o indivíduo descobre-se único.

Segundo Urrutigaray (2003), na visão da psicologia junguiana, a Arteterapia prevê uma reorganização da personalidade que acontece de forma criativa, possibilitando a abertura de novos caminhos e dando espaço ao desenvolvimento de experiências que se abrem à sensibilidade.

Quando iniciei a pós-graduação em Arteterapia procurei uma forma de realizar esse tipo de trabalho com idosos. Foi então que busquei o estágio em Arteterapia com esta população, como meio de desenvolver a criatividade e potenciais através de atividades expressivas. Este estágio foi realizado em um asilo, na cidade de Osasco, aos domingos pela manhã durante um período de aproximadamente três meses, de agosto a dezembro de 2009.

Velhice e asilamento

De acordo com Santiago (2008), a população com mais de 65 anos no Brasil vem crescendo constantemente. No entanto, o país não apresenta estrutura para suportar tal demanda, tornando o asilamento uma saída precária do que se deve fazer com esse idoso, aparentemente “improdutivo”. Assim, como afirmam Berthoud, Bromberg e Coelho (1998) *apud* Santiago (2008), o asilo caracteriza-se por ser ainda nos dias de hoje uma instituição fechada, como é o caso dos hospitais psiquiátricos e das instituições para menores de idade.

Os asilos, como instituições fechadas, tendem a privar o idoso e exigem destes um alto grau de adaptabilidade, ao terem que se relacionar de forma atípica com pessoas por eles não escolhidas (funcionários e outros asilados). Além disso, asilos possuem características muito impessoais, dificultando também a formação de vínculos positivos com o espaço onde estão inseridos, o que acaba não colaborando para o bem-estar emocional desses idosos.

Assim sendo, é de extrema relevância a existência de estudos e atendimentos específicos para idosos, uma vez que todos envelhecerão e deste processo decorre a transformação do indivíduo nos âmbitos biopsicossocial. Com a idade, o corpo se modifica, torna-se mais frágil e lento, aparecem doenças crônicas e degenerativas, alteração do apetite, do sono, etc. Na área social, por muitos a tão buscada aposentadoria acarreta numa perda social, e da autonomia financeira.

Trabalhar com grupos de idosos traz à tona essa discussão sobre a institucionalização, e de como permanece o pré-conceito de que essas pessoas raramente possuem a memória sólida e a capacidade de fantasiar, de pensar de forma mais abstrata (RIGO, 2007). É ao lidar diretamente com idosos que é possível derrubar estes e outros preconceitos, como o de não terem mais criatividade. Pelo contrário: são tão capazes de imaginar e se expressar através de recursos arteterapêuticos, podendo

sim, entrar em contato com os conteúdos inconscientes e lidar com eles (COUTINHO, 2009).

Nosso trabalho arteterapêutico com idosos

Este estágio, realizado por mim e por outra arteterapeuta, foi constituído por 10 oficinas. No início tínhamos seis participantes de idades entre 61 e 77 anos, que ao longo do trabalho foram se dissipando, ficando apenas duas senhoras, com dificuldades tanto motoras quanto cognitivas, apresentando diagnóstico de deficiência mental leve.

A colagem foi a nossa primeira atividade com o grupo. Os participantes tinham que recortar e colar imagens concernentes ao que mais gostavam ou que simplesmente lhes chamava mais a atenção. O propósito era a apresentação individual para o grupo e para as terapeutas. Deste modo, todos poderiam também se familiarizar com o material plástico e com a linguagem que pretendíamos desenvolver durante o processo, e estabelecendo assim o contrato. Em todas as oficinas levávamos histórias para sensibilização, e música.

No encontro seguinte, utilizamos a confecção de mandalas feitas de sementes, folhas, areia colorida, artigos de bijuteria. Ao final da atividade, cada integrante plantou uma semente de girassol. O intuito era o resgate da semente criativa existente em cada um.

Nas oficinas que se seguiram trabalhamos com pintura, como recurso de livre expressão para que pudessem entrar em contato com os próprios sentimentos. As participantes falaram da época da infância, da escola, da vida que levavam na juventude.

O quarto encontro foi marcado pela confecção do *olho de Deus* (fios de diversas cores entrelaçados em 2 palitos em forma de cruz), cujo objetivo era o fortalecimento do *vínculo*, entre eles e também com as terapeutas. Uma das participantes pronunciou “o olho mágico é o espelho da alma, nem sempre o que diz a boca condiz com os olhos

(SIC)". Houve certa resistência da parte de uma integrante, que começou a confeccionar o objeto e largou o trabalho, embora o resgatando e continuando a fazê-lo um pouco depois.

No encontro seguinte confeccionamos o *pau de chuva*, feito com cones de papelão, prego, fita crepe, tintas, giz de cera, pingentes, miçangas, sementes, areia e pedrinhas. Uma de nossas participantes comentou que o *pau de chuva* era instrumento indígena, falando-nos em seguida sobre o poder das plantas medicinais.

Descrevo muito rapidamente essas atividades, porque o processo até então, embora tendo seguimento, ainda não apresentava com clareza o efeito das oficinas sobre o grupo. A comunicação sempre foi muito difícil, pois apesar de conversarem conosco, era difícil entendê-las.

Nosso sexto encontro teve a confecção de mandalas pintadas com giz de cera derretido sobre um CD. Esta oficina foi sugerida por Patrícia Pinna, nossa supervisora em Arteterapia, para se utilizar o elemento fogo. É sobre esta experiência que vou me estender neste artigo, por ter constituído um marco significativo.

Quando falamos de Arteterapia, estamos falando de um processo, no qual muitas vezes o terapeuta pode encontrar dificuldades ao longo do percurso. Assim, é necessário repensar sua prática e trazer novos objetivos quando o trabalho parece não fluir. Novos questionamentos trazem novas reflexões, como bem afirma Jung (1985):

O psicoterapeuta pouco ou nada aprende com os sucessos, principalmente porque o fortalecem nos seus enganos. Os fracassos, ao invés, são experiências preciosíssimas, não só porque através deles se faz a abertura para uma verdade maior, mas também porque nos obrigam a repensar nossas concepções e métodos. (p. 36)

O que pretendo com isso é dizer que durante nosso estágio, questionamos e refletimos acerca do que estava acontecendo e sobre nossa própria prática. Particularmente, tendo em conta ser nosso primeiro contato com essa população.

Já estávamos, nessa altura, com duas participantes, T. e M. T. sempre demonstrou mais disposição para as atividades, apesar de falar pouco e apresentar muita dificuldade motora. M, que era evangélica e gostava de ler alguns salmos no final das atividades, sempre trazia conteúdos de vivências da sua juventude e vida adulta.

Por que trabalhar com fogo?

De acordo com Bernardo (2009), o fogo em arteterapia “agiliza, potencializa e acelera processos” (p. 109). Estávamos na metade de nossa trilha, precisávamos de algo que impulsionasse e provocasse algo de forma mais intensa e tocante no grupo, que realmente potencializasse tudo que estávamos vivendo naquele momento. A atividade veio como algo desafiador, estimulando reações, para que ficasse clara a visão de que o propósito não era apenas recreativo. Nosso propósito era maior, era trazer os aspectos inconscientes para serem trabalhados e simbolizados através da criatividade.

O fogo é um dos quatro elementos da natureza, suas qualidades já foram estudadas por várias áreas do conhecimento, está presente em todas as mitologias e faz parte da história da humanidade. É purificador, acelera e estimula o processo criativo: “o fogo divino que toca o criador”, como bem exemplificado neste soneto de Michelangelo citado por Edinger (1990):

Only through fire can the smith pull and stretch
Metal into the shape of his design.
Only through fire can the artist reach
Pure gold which only furnaces refine.

Nor can the phoenix rare itself remake
Unless it first be burnt. For my part, I
Hope to ascend triumphantly on high
Where death fulfills, where time itself must break.

The fire of which I speak has brought salvation,
I find in it new powers and restoration
Although I seemed already with the dead.

Since by fire nature reaches up to heaven
I may, through it, be reconciled, forgiven,

For it must surely bear me overhead. (p. 56)¹¹

O fogo, quando descontrolado, pode ser muito cruel e destruir tudo que encontra pela frente. No sentido religioso é uma substância sagrada, como a água (VON FRANZ, 1996). Usado como instrumento de punição eterna aos condenados no “juízo final”, expressa a ira de Deus.

Brandão (1986) comenta que no mito de Prometeu, Zeus enfurecido com as peripécias deste a favor dos mortais, privou a humanidade do fogo, o que simbolicamente está associado à privação da inteligência. Apresenta-se aqui, além da punição, a função do fogo de iluminar, trazer luz ao obscuro, não tão somente no sentido literal, mas também filosófico.

Bachelard (1989) interpreta que a chama de uma vela sobre a mesa de um filósofo tinha função muito maior que apenas iluminar, funcionando como um chamado ao mundo das ideias, uma evocação de imagens, sendo a chama, portanto o fogo, um ser sem massa, mas de força extrema.

Na mitologia hindu, Agni, cujo nome em sânscrito significa *fogo*, era a divindade mensageira dos deuses, e todos os sacrifícios eram dirigidos a ele. Trata-se de uma divindade que eternamente jovem, pois o fogo é reaceso todos os dias.

A deusa Héstia, na Mitologia Grega, representava o fogo sagrado que proporcionava iluminação, calor e aquecimento para os alimentos e para os lares. Héstia não possuía uma imagem humana como os demais deuses, pois estava presente no centro de todas as casas como chama viva, onde era cultuada, não tendo também um

¹¹ [Só pelo fogo pode o ferreiro esticar e dispor/ O metal de acordo com as linhas do seu desenho./ Só pelo fogo pode o artista obter/ O ouro puro que só o cadinho pode purificar. // Nem pode a rara Fênix renascer/ Se antes não for queimada. De minha parte,/ Espero ascender em triunfo às alturas/ Onde a morte termina e onde o próprio tempo tem de sucumbir.// O fogo de que falo trouxe a salvação,/ Nele encontrei novas forças e restauração/ Embora eu já pareça estar entre os mortos.//Como é pelo fogo que a natureza alcança o céu./ Através dele, posso me reconciliar, ser perdoado./Pois, sem dúvida, ele me levará para o alto.] (p.56) - Versão em português dos tradutores: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves.

templo próprio. As festas não se iniciavam sem que fosse acesa a primeira chama em sua homenagem. Psicologicamente, o culto dedicado a Héstia, presente nos centros dos lares e das cidades, representava o centro, onde havia mediação entre alma e mundo externo (ROSARIO, 2010).

Ainda dentro da perspectiva psicológica da mitologia, junto com Héstia, temos Hermes, ou Mercúrio, na mitologia Romana, que representa o espírito alquímico, e o fogo elementar, associado à fonte do conhecimento intuitivo. Originalmente, protetor dos ladrões, atletas, viajantes e negociantes, também é condutor das almas entre o mundo dos mortos e dos vivos, e profundo conhecedor da magia. Na Roma Antiga, Hermes Trismegisto resultou de um sincretismo do Mercúrio Latino com o deus egípcio Tot. Assim, Hermes Trismegisto é resultado de uma fusão da filosofia, religião, alquimia, magia e astrologia (BRANDÃO, 1987).

Na tipologia junguiana, a intuição, tipo psicológico associado ao fogo, é uma das quatro funções e refere-se a uma percepção de mundo através do inconsciente, estando mais próximo deste. “Enxerga” mais aspectos gerais do que necessariamente seus detalhes, visando sempre possibilidades futuras (BERNARDO, 2008).

Na alquimia para se obter o “ouro”, a prima matéria passa por quatro fases e uma delas é a *calcinatio*, processo de purificação através do fogo. Edinger (2006), diz que o fogo da *calcinatio* é um fogo purgador, transformando a matéria negra em matéria branca. A *calcinato* pode ser vista como meio de fundir os quatro elementos, o que na psicologia equivale a uma forma de integrar aspectos da personalidade, conectando-se ao seu núcleo.

Por essas características renovadoras, potencializadoras e transformadoras do fogo é que surgiu a ideia para essa oficina, no sentido de trazer essa potencialidade como recurso arteterapêutico. Utilizamos outros materiais que também evocaram sentimentos e

sensações, no entanto, a mandala de giz de cera obteve um destaque no processo por termos conseguido reações tão distintas, praticamente opostas de nossas participantes.

M. não quis de forma alguma aproximar-se da vela, verbalizando novamente que aquele tipo de trabalho era *coisa de índio*. Vale ressaltar que M. nasceu no Pará e teve muito contato com indígenas e descendentes. Para ela o fogo é perigoso, representa uma ameaça porque pode destruir tudo. Além disso, comentou também que o giz de cera derretido ficava feio, mas para não ficar sem fazer a atividade utilizou o giz sem derretê-lo. Durante o processo, contou que trabalhou como cozinheira e faxineira. Quis ainda terminar o encontro deste dia com o Salmo 20.

T. teve reação oposta à de M. Mostrou grande empolgação, mais até do que já tinha demonstrado anteriormente nos outros encontros. Pegava o giz de cera e o passava na vela, começando pela cor azul. Fez a maior parte do trabalho com a mesma cor, mesmo sendo instruída de que poderia mudar. T. apresentava muita dificuldade motora e tremia muito, mas isso não a impediu de agilizar o procedimento de derreter o giz e pintá-lo no CD quando foi sugerido a ela que o fizesse, porque o giz estava secando antes que conseguisse usá-lo. Durante esse processo, repetia minhas frases, e falava algumas palavras soltas, sorrindo. Parecia não ter medo do fogo, e por vezes quase queimou o dedo na chama.

É fulcral destacar essas reações tão distintas que tivemos nesse pequeno grupo. Embora as atividades anteriores também tenham mobilizado, nesta, o contato com o fogo resultou em atitudes opostas nas participantes. T sempre se mostrava mais aberta às propostas, mas quase não falava. Foi a primeira vez que ela falou frases inteiras conosco. Além das reações, pode-se dizer que aconteceu clara transformação, principalmente de T. Todas as atividades tinham um objetivo. Esta cumpriu seu papel, ao potencializar as reações em relação a um único elemento.

É possível agora vislumbrar a visão de todo o processo, que embora tenha começado muito timidamente, nos fez repensar a nossa prática e proporcionou o desbravamento de uma nova etapa para nossos encontros. O grupo se consolidou e o vínculo pôde ser finalmente estabelecido.

Considerações finais

Esta foi uma oficina específica e que fazia parte de um processo. Portanto, quando escolhemos um recurso para aplicar arteterapeuticamente, nossos objetivos devem estar claros, uma vez que toda a simbologia do que se está trabalhando estará de alguma forma presente. Feita esta deliberação, o recurso deve ir ao encontro do que se pretende trabalhar com a pessoa ou grupo em questão.

A atuação neste caso obedeceu à mesma lógica. O fogo, presente na história e na mitologia de todas as culturas, é um elemento de propulsão da criatividade. Com este artigo, procurei explicitar a sua simbologia e simultaneamente exemplificar como este pode ser fundamental como recurso arteterapêutico, ao auxiliar no desenvolvimento dos processos do indivíduo de forma a acelerá-los, trazendo acolhimento, iluminando e estimulando ideias. Importa de igual modo considerar também a utilização de outros recursos de apoio, como a mandala e o giz de cera, de contributo decisivo para o processo arteterapêutico.

Vale ressaltar que tais reações tão distintas encontradas indiciam uma possibilidade de maior exploração no que diz respeito à individualidade de cada participante. Alguns obstáculos foram encontrados para que tal pudesse ocorrer, principalmente devido ao fato de as oficinas terem acontecido aos domingos, dia que os responsáveis pela instituição não estavam presentes. Ainda assim, ao longo deste processo com o grupo em questão, foi possível perceber transformações individuais efetivas, tais como atitudes pró-ativas mais acentuadas, maior capacidade de

verbalização e uma disposição comunicativa mais entusiasta, propensa ao diálogo com as estagiárias. Todos estes elementos são concretizações que indiciam o elevado potencial da abordagem arteterapêutica.

Data de recebimento: 31 de Agosto de 2012.
Data da primeira revisão: 29 de Novembro de 2012.
Data de aceite: 29 de Novembro de 2012.

Referências

- BACHELARD, G. **A Chama de uma Vela**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.
- BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos. Vol I: Temas centrais em Arteterapia**. São Paulo: edição do autor, 2008.
- BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos. Vol II: Mitologia Indígena e Arteterapia – A arte de trilhar a Roda da Vida**. São Paulo: edição do autor, 2009.
- BRANDÃO, J. **Mitologia Grega – vol I**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRANDÃO, J. **Mitologia Grega – vol II**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- COUTINHO, V. **Arteterapia com idosos: ensaios e relatos**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.
- EDINGER, E. F. **Anatomia da Psique**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- FRANZ, M.-L. **Alquimia**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- JUNG, C. G. A Prática da Psicoterapia. **Obras completas, v. XVI/I**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PHILIPPINI, A. Universo Junguiano e Arteterapia. **Imagens da Transformação, v. II**. Pomar, 1995.
- ROSARIO, O. B. **Héstia. Excerto de textos de alguns autores**. Disponível em <http://www.symbolon.com.br/artigos/hestia.htm> Acesso em: 25/01/2011.
- SANTIAGO, B. Olhares do idoso: um estudo sobre narrativas de asilados. **IV Jornada Científica**, 2008. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.
- SOUZA, O. R. **Longevidade com Criatividade – Arteterapia com idosos**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2005.
- URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia – Transformação Pessoal Pelas Imagens**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2003.

Resenha

THE ARTIST IN EACH OF US

Sandro Leite¹²

Publicação: CANE, Florence. **The Artist in Each of Us**. Craftsbury Common, Vermont: Art Therapy Publications, 1989.

O *The Artist in Each of Us* (O artista em cada um de nós) não é um livro de arteterapia. Antes de tudo, é um relato sincero e despretensioso do processo de transformação pessoal por meio da criação artística, ou, como a própria autora coloca, trata-se de uma abordagem indireta do ensino da arte. Despretensioso porque Florence Cane se utiliza de uma linguagem simples e, embora trate de questões psicológicas envolvidas no fazer, está mais interessada no poder da arte e do processo criativo e seus efeitos sobre o indivíduo do que na verificação de termos psicológicos que possam ser usados para definir os fenômenos testemunhados. Embora seja um livro que trate essencialmente da relação entre contexto escolar e arte, seus ensinamentos extravasam a faixa etária com a qual está lidando.

Cane (1882-1952), juntamente com sua irmã Margaret Naumburg (reconhecida internacionalmente como a precursora da arteterapia), semeou um campo de conexões ainda pouco exploradas, como o desenvolvimento psicológico por meio da criação artística e a relação entre arte-educação e (arte)terapia. Entrosada com os

¹² Artista-Educador, Mestre em Psicologia Clínica - PUCSP (Estudos Junguianos). Tem experiência na área de Artes, tanto em produção artística contemporânea quanto em Arte-Educação, bem como em Arteterapia. Desenvolve atividades artísticas e terapêuticas destinadas ao público adulto (estudantes e profissionais). Docente em cursos de Graduação (Artes Visuais, Fotografia, Moda e Musicoterapia) e Especialização (Arteterapia e Musicoterapia). Desenvolve pesquisa sobre a relação música-imagem nos contextos artístico e clínico, com artigos publicados sobre o tema. Membro Fundador da AATESP (Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo). Email: sandroleite@terra.com.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0243480357395951>; Telefones: (11) 99834.1271 - (11) 3331.1563.

acontecimentos de seu tempo, tanto na arte quanto em outros segmentos, teve seu percurso pessoal e profissional bastante rico, como a experiência com a análise junguiana, o interesse por artistas como Alfred Stieglitz e Georgia O'Keefe, o estudo do sistema mente-corpo, de F. M. Alexander, os esquemas do movimento de Bess M. Mensendieck e os exercícios e técnicas de relaxamento desenvolvidas por W. H. Bates. Essas experiências ajudaram-na a consolidar um ideal de educação, por meio da arte, que priorizasse a integração do indivíduo, já que acreditava no entrelaçamento entre as linguagens artísticas, entendendo que todo ser é complexo, sendo muitos os fatores envolvidos em seu desenvolvimento.

Cane parte do pressuposto de que toda pessoa tem o poder de criar, de que o despertar e o crescimento se dá por meio desse poder e de que a arte é o meio através do qual esse desenvolvimento pode se processar, como uma expressão normal da alma humana. Como professora de arte, ela desenvolve estratégias possibilitadoras da integração das três funções que compõem cada ser: o pensamento, o sentimento e o movimento: é possível que haja uma ideia (pensamento) e que esta tenha algum apelo afetivo (sentimento), mas, se não houver a ação (movimento), a obra não nasce. A integração dessas três funções desemboca numa quarta, a espiritual, relacionada ao despertar de um nível de consciência mais elevado.

O livro é dividido em quatro partes: *Teoria, Método, Prática e A Qualidade de Cura da Arte*. Em *Teoria*, Cane aborda a natureza do processo criativo, as condições necessárias para seu desenvolvimento e o conceito de integração da personalidade, tendo em vista suas três funções. Um conceito fundamental que permeia suas ideias é o de "ritmo", que envolve a dinâmica entre um estado receptivo e um ativo. Ritmo está aliado a fluxo, como analogia direta do movimento criativo à ordem da natureza, que é criativa e flui; em outras palavras, natureza humana e arte têm algo em comum. Em *Método*, a autora apresenta novas ideias e com elas uma série de lições que ilustram

seus fundamentos. Entre essas ideias, destacam-se a do movimento corporal como condição para preparação do corpo, antes de se criar algo, a da relação entre som e cor, a da valorização do sentimento e a do despertar da imaginação. Dois textos são de especial importância em *Método*: o primeiro descreve sua técnica, denominada *scribble* (posteriormente Naumburg a rebatiza com o nome de *scribble drawing*). Consistindo em um desenhar livre sobre um suporte, essa técnica sintetiza muito de suas ideias, como as de movimento do corpo, livre fluxo da imaginação e controle parcial da produção final (manifestação do inconsciente). O segundo texto traz apontamentos sobre uma nova postura da educação e da psicologia em face da criatividade. Cane ressalta, em primeiro lugar, a importância do reconhecimento do significado do símbolo na arte e depois o aprofundamento que o professor faz dos significados da produção do aluno, pois assim fazendo está penetrando em seus problemas e necessidades. Significa dizer que o que se produz, na visão de Cane, seja na arte ou no contexto escolar, é um modo genuíno de criação, por meio do qual é possível conhecer a história de cada um. Esse novo olhar é um dos grandes méritos dos estudos de Cane. Em *Prática*, descreve casos de crianças com as quais trabalhou e, diferentemente de sua irmã Naumburg, não se reporta a elas como pacientes, tendo como interesse a descrição do processo artístico de cada criança e o acompanhamento do desenvolvimento psicológico de cada uma. Nesse capítulo, aborda um tema, também tratado na quarta parte do livro, sobre a prevalência dos estudos com pessoas deficientes. Os casos que descreve são de crianças talentosas (*gifted*) e, nesse contexto, consolida um método de trabalho que começa a desenvolver em 1936, como diretora de uma escola de arte no Centro Rockfeller. Esse método, composto de quatro fatores (corpo, psique, mente e espírito), é uma tentativa de sistematizar seu modo habitual e intuitivo de avaliar se uma criança tem talento ou não. Pode-se observar, pela descrição dos casos, que Cane acompanha cada obra produzida e os símbolos que estão ali plasmados (trata a obra como indicativa (*index*) do estado da

criança); por vezes faz leituras junto com a criança, no intuito de ampliar a visão desta sobre seu próprio trabalho, procurando não induzi-la, principalmente porque valoriza a expressão espontânea como agente favorecedor do acesso ao inconsciente. Em *A qualidade de cura da arte*, Cane apresenta descrições sucintas de outros casos, no intuito de reforçar que a utilização da arte é um agente poderoso na lida com crianças com problemas típicos, como as tímidas, as com rendimento baixo ou mesmo as que são mentalmente deficientes. Ou seja, a autora entende que, em qualquer contexto, pode-se observar o valor terapêutico da arte.

The Artist in Each of Us é uma leitura indispensável. Ricamente ilustrado, desvela o pensamento e o modo de agir de uma professora de arte preocupada com o desenvolvimento global da criança. Em seu percurso, ela intui que o fazer artístico é revelador da verdade do ser humano e, por isso, o que faz é muito mais do que ensinar, propõe o exercício de libertação. Agindo desse modo, extravasa do reduto da educação e adentra a complexa trama de “misturas” de áreas, comuns na atualidade. Se hoje as terapias que se utilizam das linguagens artísticas conquistaram seus espaços, há que se dedicar a Florence Cane um grande mérito por sua contribuição nesse sentido.

Data de recebimento: 02 de Agosto de 2012.

Data de aceite: 02 de Agosto de 2012.

Resumo de Dissertação

LEITE, Sandro¹³. **Paisagem Psíquica**: uma técnica expressiva com fundamento na psicologia analítica: estudo piloto. São Paulo: PUC-SP, 2012. Orientadora: Profa. Dra. Liliana Liviano Wahba

Foi aplicada uma técnica expressiva desenvolvida pelo autor da pesquisa com fundamento da psicologia analítica e destaque ao aspecto criativo despertado ao se utilizar recursos expressivos. Trata-se de uma pesquisa de enfoque qualitativo em estudo piloto, cujo objetivo foi demonstrar o funcionamento da técnica, batizada de “Paisagem Psíquica”, e realizar uma leitura simbólica a partir das associações feitas pelos participantes da pesquisa. A técnica foi inspirada no método de imaginação ativa de C. G. Jung. Em função da especificidade da técnica, que tem como fruto configurações abstratas, abordou-se o tema a partir da arte e da psicologia analítica e concluiu-se que a abstração é um modo genuíno de expressão. Dois participantes puderam experimentar a técnica em dias consecutivos e, a partir dos dados coletados, foi possível fazer um mapeamento das transformações psíquicas ocorridas. Apareceram símbolos e temas de caráter individual e coletivo, e foi possível observar alguns aspectos comuns entre os processos dos participantes. A especificidade da técnica expressiva apontou para a dinâmica das polaridades, em especial à fluidez da água e à concretude do gesso, para a correlação entre a imagem da superfície, mais próxima à dinâmica da consciência, e a do fundo, mais próxima do inconsciente, e para a conexão entre a fase preparatória da

¹³ Artista-Educador, Mestre em Psicologia Clínica - PUCSP (Estudos Junguianos). Tem experiência na área de Artes, tanto em produção artística contemporânea quanto em Arte-Educação, bem como em Arteterapia. Desenvolve atividades artísticas e terapêuticas destinadas ao público adulto (estudantes e profissionais). Docente em cursos de Graduação (Artes Visuais, Fotografia, Moda e Musicoterapia) e Especialização (Arteterapia e Musicoterapia). Desenvolve pesquisa sobre a relação música-imagem nos contextos artístico e clínico, com artigos publicados sobre o tema. Membro Fundador da AATESP (Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo). Email: sandroleite@terra.com.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0243480357395951>; Telefones: (11) 99834.1271 - (11) 3331.1563.

técnica (modo de se despejar a água, depositar e mexer o gesso) e a configuração final. O estudo demonstrou a efetividade da técnica enquanto efeito de transmutação de uma realidade interior que se revela por meio das ações criativas que dão origem a imagens plásticas.

Palavras-chave: técnica expressiva, abstração, imaginação ativa, psicologia analítica, psicologia junguiana.

Abstract

An expressive technique developed by the author of the research was applied, having analytical psychology as background and highlighting the creative aspect evoked by the use of expressive resources. It is a research focused on the qualitative aspect of a pilot study which aimed at demonstrating the functioning of the technique, baptized Psychic Landscape, and perform a symbolic reading from the associations made by the subjects of the research. The technique was inspired by the method of active imagination by C. G. Jung. Regarding the specificity of the technique, which produces abstract configurations, the theme has been tackled from the point of view of art and analytical psychology. The conclusion that abstraction is a genuine mode of expression was reached. Two participants could experience the technique during consecutive days and from the data collected it was possible to map the psychic transformations that occurred. Symbols and themes of individual and collective character appeared, and it was possible to observe common aspects between the processes of both participants. The specificity of the expressive technique pointed at the polarity of dynamics, in special the fluidity of water and solidity of plaster, to the correlation between the surface image, closer to the dynamics of consciousness, and the one at the bottom, closer to the unconscious, and to the connection between the preparatory phase of the technique (the way of pouring the water, depositing and mixing the plaster) and the final configuration. The study demonstrated the

effectiveness of the technique as the transmutation effect of an inner reality that reveals itself by means of creative actions that give rise to plastic images.

Key Words: expressive technique, abstraction, active imagination, analytical psychology, Jungian psychology.

Data de recebimento: 02 de Agosto de 2012.

Data de aceite: 02 de Agosto de 2012.

Resumo de Monografia

MORI-LEITE, Beatriz¹⁴. **A relação entre a Arteterapia e Jackson Pollock: uma valorização do *action painting* como processo criativo.** Monografia (Especialização em Arteterapia). São Paulo: São Paulo Master School, 2010. Orientadora: Profa. Dra. Cristina Dias Allessandrini.

RESUMO

Este trabalho parte de uma averiguação de como a linguagem artística da pintura e da Arteterapia pode interligar elementos estéticos através do modo como o artista organiza, ou às vezes desorganiza, toda linguagem estrutural vigente durante o processo de criação de suas obras. Logo após a segunda grande guerra mundial a cidade de Nova Iorque abrigava artistas de áreas distintas, fomentando o aparecimento de vários movimentos artísticos, entre eles se destacava pelo imprevisto e pelo caráter de espontaneidade durante o processo criativo: o Expressionismo Abstrato. Entre estes artistas o que mais se destacou foi Jackson Pollock, que vem a ser o foco desta pesquisa que descreve o *Action Painting*, a maneira de pintar de Pollock, como o ato criativo realizado e valorizado no processo terapêutico da Arteterapia.

Palavras-chave: Improvise, Processo Criativo, Arteterapia, Jackson Pollock e Action Painting.

Data de recebimento: 23 de Outubro de 2012.

Data de aceite: 23 de Outubro de 2012.

¹⁴ Artista plástica, Arte educadora e especialista em Arteterapia. E-mail: beatrizmori@uol.com.br.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos originais que inclui artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica e relatos de experiência; ensaios, de cunho ensaístico, opinativo, acerca de assuntos de discussão contemporânea ou que se almeje discutir; resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses. Os textos encaminhados para a seção de artigos originais serão avaliados às cegas por membros do Conselho Consultivo, enquanto que os demais textos serão avaliados pelos membros do Conselho Editorial.
2. Os artigos e ensaios devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” só poderão ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados às Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. O autor deve enviar o trabalho para o e-mail textos.aatesp@gmail.com, em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
5. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 Palavras-chave. O título, o resumo e as Palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
6. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
7. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e Palavras-chave, conforme instruções do item 6.
8. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
9. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
10. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

PROCEDIMENTOS DE TRAMITAÇÃO DOS MANUSCRITOS

A partir do recebimento do trabalho, é feita uma verificação inicial do mesmo pela Comissão Editorial, relativa ao cumprimento das Normas de Publicação estabelecidas pela Revista. O não cumprimento das mesmas implica na interrupção do processo de avaliação do manuscrito.

Após essa primeira etapa, o trabalho é enviado a dois pareceristas, sendo que neste processo de avaliação nem autor e nem os pareceristas são identificados. A Comissão Editorial fica responsável por todo o processo de comunicação com o autor e com os pareceristas. Em caso de impasse quanto aos pareceres recebidos, a Comissão Editorial se encarregará de chegar a uma decisão final.

Quanto ao parecer, o trabalho encaminhado pode ser:

- Aprovado;
- Aprovado com necessidade de reformulações;
- Reprovado.

Cabe ao autor decidir se aceitará ou não as orientações para reformulações do trabalho encaminhado, no caso das mesmas serem sugeridas, lembrando que a não reformulação implica no não aceite final para publicação na Revista.

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE PARECER

Será utilizado para o parecerista o seguinte roteiro de apreciação e avaliação dos trabalhos:

1. O trabalho encaminhado se enquadra na linha editorial da revista?
2. O trabalho corresponde a uma contribuição significativa para publicação na Revista, tendo em vista a linha editorial da mesma?
3. O trabalho encaminhado especifica claramente tema e objetivo?
4. No caso de artigo, o resumo e as Palavras-chave são objetivos e fidedignos à proposta apresentada?
5. O trabalho cita bibliografia significativa e atualizada para o desenvolvimento do tema?
6. O trabalho faz referências bibliográficas conforme normas da Revista?
7. O trabalho realiza coerentemente seu objetivo?
8. Há erros de compreensão dos autores citados?
9. Há erros nas citações utilizadas?
10. O objetivo declarado é atingido?
11. O material deve ser revisado em termos estilísticos, ortográficos e gramaticais?
12. O texto é aceitável para publicação? Em caso positivo, especificar se: em sua forma atual; com necessidade de reformulações;

REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

a) Referências bibliográficas. Exemplos:

Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt: padrões que convergem**. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos: “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou,

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

Citações diretas com menos de três linhas devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas.

Exemplo: Goswami (2000) explica que:

nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

Citações indiretas devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou,

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda.